

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

Elogio de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809–1884) Visconde de Vila Maior

JOSÉ LUÍS FIGUEIREDO

*

Saudação ao recipiendário, Académico José Luís Figueiredo

VICTOR M. M. LOBO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: Elogio de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809–1884),
Visconde de Vila Maior · Saudação ao recipiendário,
Académico José Luís Figueiredo

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/t21n-0s93>

Elogio de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809–1884), Visconde de Vila Maior

JOSÉ LUÍS FIGUEIREDO¹

1. INTRODUÇÃO

Foi durante os anos da recente pandemia (SARS-CoV-2) que fiquei a conhecer a vida e obra de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809–1884), Visconde de Vila Maior, no âmbito do meu trabalho sobre a Indústria Química (Figueiredo, 2022). Enquanto primeiro lente de Química da Escola Politécnica de Lisboa (de 1837 a 1864), Júlio Pimentel foi pioneiro no ensino prático da química, mas desempenhou igualmente um papel de grande relevo no desenvolvimento da indústria química nacional (Cruz, 2016): primeiro como consultor técnico da fábrica de produtos químicos da Verdelha, propriedade do Conde do Farrobo, e posteriormente, como responsável pela Fábrica da Póvoa (da Sociedade Geral de Produtos Químicos), que dirigiu durante a primeira fase da sua existência (1859–1862).

Assim, quando me inteirei de que não tinha um antecessor a quem homenagear com o tradicional elogio histórico, lembrei-me de fazer a evocação deste Académico do século XIX, cuja biografia foi já analisada com grande detalhe numa série de publicações que também inclui um inventário muito completo da sua bibliografia (Mota, 2012, 2020, 2021, 2022). Estas obras, juntamente com as Memórias do Visconde de Vila Maior (Pimentel, 2014), foram as principais fontes que me serviram de orientação no presente trabalho.

Nas secções seguintes tentarei apresentar de forma resumida, e por ordem cronológica, os factos mais relevantes do notável percurso académico e profissional de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, destacando alguns tópicos que me mereceram uma atenção especial. Para o efeito, dividi a linha do tempo em quatro períodos: o primeiro termina em 1837, quando Júlio Pimentel completa a sua formação na Universidade de Coimbra, tendo entretanto participado nas lutas liberais, nomeadamente no Cerco do Porto; o segundo período inicia-se com a

¹ Academia das Ciências de Lisboa e LSRE-LCM/ALiCE, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto

sua contratação como Lente de Química da Escola Politécnica de Lisboa e estende-se até 1846, data em que termina o seu estágio em Paris, onde foi aprender “química prática” (ou praticar química...); o terceiro período, que corresponde à fase mais intensa da sua vida (ensino, investigação e divulgação científica; indústria química; e ainda uma forte participação política e administrativa), termina em 1864, quando decide jubilar-se e ir viver para Moncorvo; no último período, vamos encontrar Júlio Pimentel dedicado à ampelografia e à vinicultura no Douro; mas em 1869 foi ainda nomeado Reitor da Universidade de Coimbra, cargo que ocupou até falecer, em 1884.

2. FORMAÇÃO ACADÉMICA E LUTAS LIBERAIS: 1820–1837

Júlio Máximo de Oliveira Pimentel nasceu a 5/10/1809, em Torre de Moncorvo, no seio de uma família de fortes tradições liberais. Era filho de Luís Cláudio de Oliveira Pimentel, sargento-mor da vila de Moncorvo, e de D. Angélica Teresa de Sousa Cardoso Pimentel Machado; e sobrinho do General António José Claudino de Oliveira Pimentel, que foi o seu herói, e cuja biografia mais tarde escreveu (Pimentel, 1884). Aprendeu as primeiras letras em Moncorvo, com um professor contratado por seu Pai, e em 1820 foi para o Porto, onde fez os estudos preparatórios para o ingresso na Universidade como aluno interno no Colégio da Lapa.

Na parte superior da Figura 1 identificam-se algumas datas históricas relevantes para contextualizar o percurso de Júlio Pimentel neste período da sua vida, que se resume na parte inferior da mesma Figura.

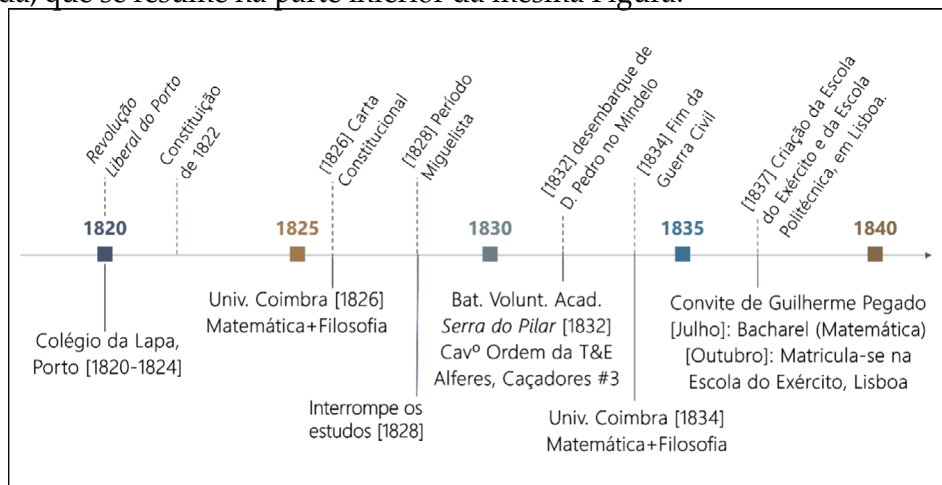


Figura 1. Linha do tempo 1820-1837: formação académica e lutas liberais.

Concluídos os estudos no Porto, em 1824, Júlio Pimentel regressa a Moncorvo, de onde sai para se matricular na Universidade de Coimbra, com dois dos seus irmãos, em 1826. Estava destinado ao Curso de Direito; mas por influência do seu conterrâneo Tomé Rodrigues Sobral (Professor jubilado da Faculdade de Filosofia), acabou por se inscrever nas Faculdades de Matemática e Filosofia. Em 1828, quando frequentava o segundo ano, é aconselhado a sair de Coimbra, pois a conjuntura política não era favorável a quem abertamente professava ideias liberais. O seu pai e o tio foram presos; o General Claudino, condenado ao degredo, acabou por falecer na prisão. Foram tempos difíceis, que descreve com detalhe nas suas Memórias (Pimentel, 2014). Mas quando D. Pedro desembarcou com as suas tropas na praia do Mindelo, já Júlio Pimentel aguardava no Porto para se alistar no exército liberal, ficando colocado no Batalhão de Voluntários Académicos. Participou na heroica defesa da Serra do Pilar (foi um dos “*polacos da serra*”), distinguindo-se na batalha travada no dia 14/10/1832, feito que lhe valeu a condecoração como Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito (outorgada por Decreto datado de 23/11/1832). Mas logo depois foi ferido numa perna, o ferimento agravou-se e Júlio Pimentel correu perigo de vida. A convalescença foi longa, e o ferimento deixou-lhe sequelas para sempre. Entretanto, foi promovido a Alferes e incorporado no Batalhão de Caçadores n.º 3. A guerra civil terminou em 1834 com a vitória dos liberais, e Júlio Pimentel voltou a Coimbra onde se inscreveu novamente no segundo ano de Filosofia e de Matemática. Nos dois anos seguintes, frequentou também os cursos de ambas as faculdades.

Em 1837, foram criadas em Lisboa a Escola do Exército e a Escola Politécnica, na dependência do Ministério da Guerra. Guilherme Pegado, que tinha sido o professor de Cálculo de Júlio Pimentel no ano de 1834/35, era agora Lente de Física da Escola Politécnica e fazia parte da “Comissão de Auxílio ao Director”. Era preciso completar o corpo docente para que as aulas pudessem começar no ano seguinte, mas havia dificuldade em encontrar um Lente de Química. Foi então que G. Pegado se lembrou de convidar o seu ex-aluno, a quem reconhecia mérito, pedindo-lhe que se preparasse para concorrer. Mas Júlio Pimentel desvalorizou o convite: “*Não podia tomar muito a sério este convite, nem havia nesse tempo em Coimbra meio algum de estudar Química, por não haver nem quem a pudesse ensinar conscienciosamente, nem Laboratório provido com os meios necessários àquele estudo. O*

curso de Química na Faculdade de Filosofia fazia-se lendo apenas o 1.º volume de Química de Orfila"².

Júlio Pimentel concluiu o curso de Matemática com o grau de Bacharel em 16/6/1837, mas não fez os exames de Filosofia. Era sua intenção seguir o curso de Pontes e Calçadas, em Paris. Entretanto, ocorreu a "revolta dos marechais" e ainda teve que prestar serviço militar durante dois meses. Foi depois para Lisboa, onde se inscreveu na Escola do Exército enquanto aguardava licença para viajar para Paris. Como militar, estava dependente da autorização do Ministro (Visconde de Sá da Bandeira); este, por sua vez, estava mais empenhado em abrir as aulas na Politécnica, e insistiu no convite para que Júlio Pimentel aceitasse reger a cadeira de Química. O resultado só podia ser um: "*O V.^{de} de Sá era extremamente pertinaz... não tive remédio senão ceder*"³. Aceitou, mas obteve a promessa de poder fazer mais tarde um estágio em Paris, para se "*habilitar com estudo sério e prático*". Assim, em 9/12/1837, foi nomeado Professor da 6.^a Cadeira (Química Geral e Noções das suas Principais Aplicações às Artes) por necessidade urgente de serviço.

3. COMO UM MATEMÁTICO SE TORNOU QUÍMICO: 1837–1846

Júlio Pimentel passou os meses seguintes a estudar química e a praticar no laboratório, auxiliado pelo preparador Mendes Leal. Em março de 1838 abriu o Curso de Química Elementar. As aulas decorreram com agrado geral, tanto de alunos como de professores. No final do ano prestou provas e foi aprovado em concurso público, começando logo a organizar o primeiro Laboratório de Química da Escola Politécnica. Passado o período probatório regulamentar, de dois anos, seria provido como Lente proprietário da 6.^a Cadeira, a título definitivo (Figura 2).

Em 1839, casou com Sophia de Roure Auffdiener, enteada do seu colega João Ferreira Campos, Lente substituto das cadeiras de Matemática na Escola Politécnica; desse casamento nasceram uma filha (Júlia, em 15/5/1840) e um filho (Emílio, em 4/4/1844). Ainda em 1839, publicou um compêndio das suas lições, para uso dos alunos (Pimentel, 1839).

² Cf. Pimentel, J. M. de O. (2014). Memórias: Visconde de Vila Maior (A. Fernandes, Transcr.). Palimage, p. 99.

³ Cf. Pimentel, J. M. de O. (2014). Memórias: Visconde de Vila Maior (A. Fernandes, Transcr.). Palimage, p. 103.

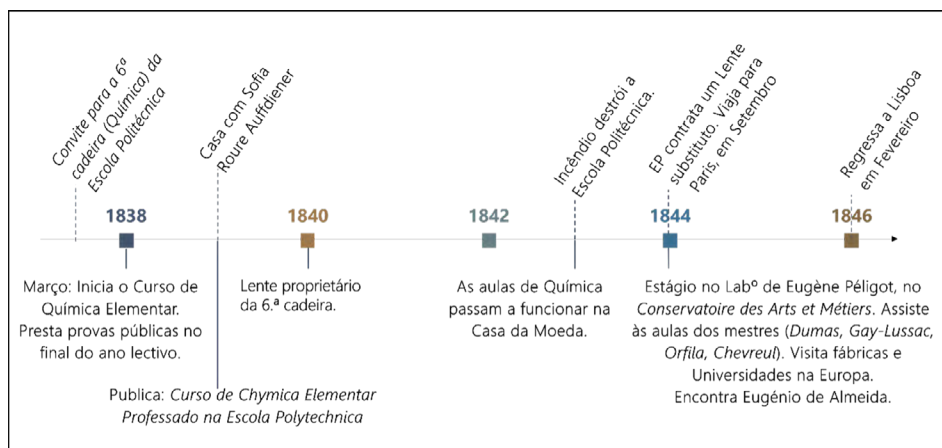


Figura 2. Linha do tempo 1837–1846: como um matemático se tornou químico.

Em 1843, um incêndio de grandes proporções reduziu a escombros o edifício da Politécnica; mas a escola não encerrou, e as aulas de Química passaram a funcionar no Laboratório da Casa da Moeda.

Nesse mesmo ano, a *Revista Universal Lisbonense* (então dirigida por António Feliciano de Castilho) deu notícia de um sabão hidrófugo (“sabão Menotti”, nome do seu inventor) cujas propriedades impermeabilizantes tinham sido amplamente enaltecidas em França. A *Revista* enviou amostras desse sabão a diversos laboratórios para investigar a sua composição química, mas apenas a Escola Politécnica respondeu. Os resultados dessas análises, realizadas por Júlio Pimentel, foram publicados naquela revista no início de 1844⁴. Este terá sido o seu primeiro trabalho publicado de natureza experimental.

Foi também em 1844 que a Escola Politécnica contratou um Lente substituto para as cadeiras de Física e Química (Joaquim Fradesso da Silveira, que frequentara o primeiro curso de Química Elementar da Politécnica). Estavam reunidas as condições para que Júlio Pimentel pudesse concretizar o prometido estágio. Partiu para Paris no fim do verão, acompanhado pela esposa e a filha, com uma pequena bolsa de estudo que, adicionada aos seus vencimentos de professor e militar, totalizava apenas 600 francos mensais.

Em Paris, Júlio Pimentel foi admitido como ajudante de preparador no laboratório de Eugène Péligot, no *Conservatoire des Arts et Métiers*. A exígua bolsa de estudo não permitia extravagâncias, e este era um dos poucos laboratórios

⁴ Cf. *Revista Universal Lisbonense*, n.º 22 (18/1/1844) e n.º 27 (22/2/1844).

conceituados de Química em que não era exigida uma mensalidade aos estagiários. Além disso, o preparador de Péligré, Pierre Favre, tinha já iniciado as suas investigações sobre termoquímica, e ficou muito contente por ter um ajudante. Foi aqui que Júlio Pimentel adquiriu competências para os trabalhos laboratoriais e para as mais variadas análises químicas, além de preparar as demonstrações que Péligré apresentava nas suas aulas, duas vezes por semana. Júlio Pimentel assistia também, sempre que podia, às aulas de outros químicos conceituados: Jean-Baptiste Dumas, na *Sorbonne*, Michel Chevreul, nos *Gobelins*, Mathieu Orfila, na Faculdade de Medicina, e Joseph Louis Gay-Lussac, no *Jardin des Plantes*.

A esposa e a filha regressaram a Portugal em meados de 1845, e Júlio Pimentel ficou sozinho em Paris para continuar o seu estágio. Foi pouco tempo depois que, casualmente, encontrou o empresário Eugénio de Almeida, um dos “caixas”⁵ do contrato do tabaco e sabão. Da conversa que depois tiveram resultou que o empresário lhe ofereceu a orientação técnica da fábrica do sabão. Tendo decidido também instalar em Lisboa uma moderna refinaria de açúcar, encarregou-o de fazer os correspondentes estudos e de encomendar os equipamentos necessários, prometendo-lhe participação na empresa. Em consequência, Júlio Pimentel alterou o seu plano de estágio original, que incluía uma estadia em Giessen para praticar a Química Orgânica nos laboratórios de Liebig. Em vez disso, fez uma longa viagem de estudo, iniciada em 3/7/1845, pela Bélgica, Suíça, Estados Germanicos, Inglaterra e França, visitando diversas fábricas e universidades. Não deixou de visitar os laboratórios de Liebig; mas demorou-se sobretudo em Marselha, e também em Londres, para se inteirar dos processos de fabrico do sabão. Foi só no fim do outono que regressou a Paris e ao trabalho no laboratório de Péligré, onde encontrou um novo preparador, Jules Bouis, com quem mais tarde manteria uma interessante colaboração científica. As saudades da família, e os compromissos assumidos com a fábrica do sabão, decidiram-no a regressar mais cedo a Lisboa, onde chegou no dia 22/2/1846. E assim se consumou a transformação de um Bacharel em Matemática num Químico.

4. QUÍMICA, INDÚSTRIA E CARGOS PÚBLICOS: 1846–1864

Em 1846, o País estava de novo em pé de guerra, em resultado da contestação popular ao governo de Costa Cabral, exacerbada pelos partidários do

⁵ Assim se designavam os arrendatários dos monopólios do Estado (sabão, tabaco, pólvora).

absolutismo. No início da primavera, desencadeou-se no Minho a “Revolta da Maria da Fonte”, e pouco depois começou a “Guerra da Patuleia”, que só terminaria no verão de 1847. As escolas estiveram encerradas nesse período, e os cursos da Escola Politécnica só abriram no ano seguinte. Durante este tempo, Júlio Pimentel ocupou-se sobretudo com as suas consultorias industriais e com os seus trabalhos de investigação no laboratório da Casa da Moeda, nomeadamente sobre o óleo de palma. Terminada a guerra civil, inicia-se a fase mais intensa da sua vida profissional. As principais etapas deste percurso estão indicadas na Figura 3 e são desenvolvidas nas secções seguintes.

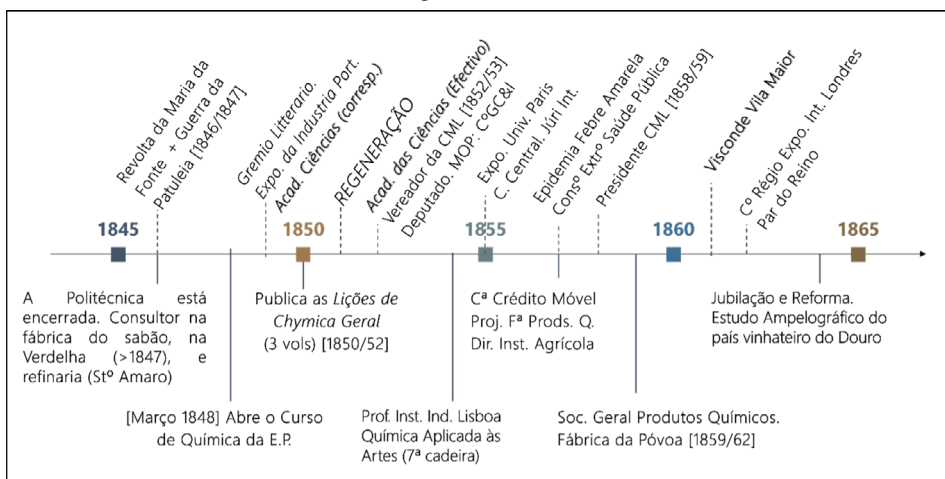


Figura 3. Linha do tempo 1846–1864: Química, indústria & cargos públicos.

4.1. ENSINO DA QUÍMICA

Júlio Pimentel já tinha introduzido o ensino prático da Química na Escola Politécnica logo no início da sua docência (Ramalho, 2001), sendo as “lições práticas de manipulações” no laboratório obrigatórias para os alunos matriculados na 6.ª Cadeira⁶. Mas foi após o seu estágio em Paris que Júlio Pimentel contribuiu de forma decisiva para a modernização do ensino da Química.

As aulas na Escola Politécnica, ainda a funcionar na Casa da Moeda⁷, começaram na primavera de 1848, e logo no ano seguinte surgem na imprensa as

⁶ Cf. *Reunião do Conselho Escolar de 4/9/1839*, apud Ramalho, 2001, p.22.

⁷ O novo Laboratório de Química e o Anfiteatro só seriam inaugurados em 1857.

primeiras notícias sobre a publicação das *Lições de Chymica Geral e suas Principaes Aplicações*⁸. Foi também divulgado o “prospecto” com o plano da obra⁹, que se previa ter a extensão de quatro volumes, de 400-500 páginas, sendo o 4.º volume dedicado à química tecnológica, com a descrição dos principais processos da indústria química. A obra seria publicada em fascículos (“*folhas de 16 páginas*”), e os assinantes teriam direito a receber gratuitamente o índice e capa de cada volume, bem como “*um atlas com as respectivas estampas, e sua competente explicação*”. No entanto, seriam apenas publicados três volumes, entre 1850 e 1852 (Pimentel, 1850–1852).

Uma das características mais interessantes e inovadoras desta obra é precisamente a inclusão das referidas estampas, em que se apresentam as montagens experimentais correspondentes a 112 trabalhos práticos, desenhadas pelo autor (Peres *et al.*, 2023). Por exemplo, no topo da “Estampa X” (Figura 4) está representada a montagem correspondente à síntese do “ácido carbónico” (anidrido carbónico, CO₂), que consiste em queimar um diamante em corrente de oxigénio; os produtos da combustão, recolhidos por absorção em reagentes apropriados, são quantificados por pesagem. Como ponto adicional de interesse, note-se, à esquerda, o “kaliapparat” desenvolvido por Liebig (dispositivo de vidro, de forma triangular, com cinco bolbos) que permite determinar com muito rigor o teor em carbono das substâncias orgânicas¹⁰.

A publicação de um tratado de Química com ilustrações das montagens experimentais de trabalhos práticos foi uma novidade absoluta no país, e contribuiu para reforçar o prestígio de Júlio Pimentel e do seu curso na Escola Politécnica. Compare-se, por exemplo, com as *Lições de Philosophia Chimica*, de Joaquim Augusto Simões de Carvalho¹¹, “*um dos raros livros de química publicados em Coimbra em meados do século XIX*” (Rodrigues, 2011); apesar de esta obra ter recebido uma crítica muito favorável¹², “*é notória a falta de gravuras, ilustrações e esquemas, tão importantes em livros científicos*” (Rodrigues, 2011).

⁸ Cf. *A Epoca, Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura, e Bellas-Artes*, n.º 36, 1849, pp. 143-144.

⁹ Cf. *Revista Universal Lisbonense*, n.º 26, 3/5/1849.

¹⁰ Sobre a importância histórica do kaliapparat ver: <https://cen.acs.org/articles/93/i35/Important-Artifact.html>.

¹¹ A primeira edição é de 1850; foi publicada uma segunda edição em 1859.

¹² Cf. *A Semana – Jornal Litterario*, vol. II, n.º 28, Agosto, 1851, pp. 317-318.

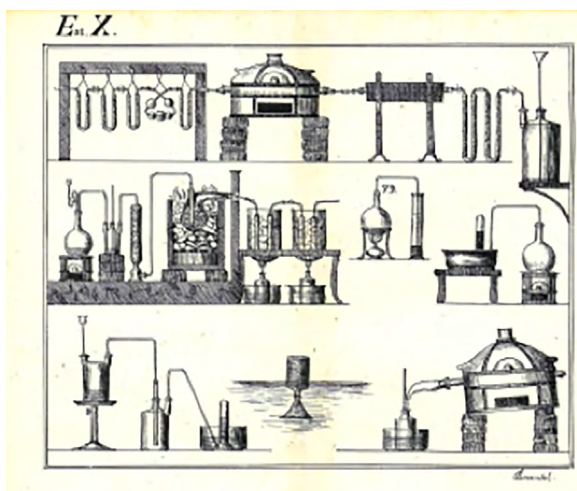


Figura 4. Estampa X, *Lições de Chymica Geral e suas Principaes Aplicações*, Tomo I, 1850 (Cortesia de Marília Peres e Maria do Carmo Elvas).

Em 1854, teve lugar a abertura dos cursos no Instituto Industrial de Lisboa (fundado em 1852). Júlio Pimentel concorreu e foi provido como professor da 7.^a Cadeira, Química Aplicada às Artes; as aulas funcionavam à noite, não interferindo com a sua docência na Escola Politécnica. Assegurou este cargo até 1858, altura em que pediu a exoneração para poder aceitar o convite que lhe fora feito para dirigir o Instituto Agrícola e Escola Regional de Lisboa. Em 1859, a Escola Politécnica passou a ser tutelada pelo Ministério do Reino; nesse mesmo ano, foi criada uma nova cadeira, de Química Orgânica e Análise Química, da qual Júlio Pimentel passou a ser o Lente Proprietário, deixando de assegurar a 6.^a Cadeira, que passou a focar a Química Mineral. As suas funções docentes terminaram em 1864, data em que se jubilou.

4.2. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Foi no Grémio Literário que Júlio Pimentel fez a sua estreia pública como cientista, apresentando uma série de quatro palestras sobre “Química aplicada à agricultura” durante a primeira época dos “Cursos Públicos” promovidos por esta associação¹³. A primeira destas palestras (lida em 19/3/1849) foi logo muito

¹³ Cf. *A Epoca, Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura, e Bellas-Artes*, n.º 39, 1849, p. 183-186; *Revista Universal Lisbonense*, 2.^a série, Tomo I, n.º 20, 22/3/1849, p. 238.

elogiada: “O Sr. Pimentel (...) pareceu-nos ser o que melhor deu o caracter de curso à sua leitura. Tem um tal agrado e correntesa no exprimir-se, que visivelmente captiva o auditorio. Depois fez logo applicações do que dizia, ao nosso reino, no que muito interessou os ouvintes”¹⁴. Estas palestras tiveram tal impacto, que são referidas nas primeiras biografias de Júlio Pimentel que depois se publicaram (Latino Coelho, 1860–1861; Castilho, 1862). O próprio autor menciona as “lições sobre a dependência em que a agricultura racional está da chimica” em várias das suas publicações posteriores. No entanto, não foi possível encontrar o texto correspondente, se é que chegou a ser publicado. Mas logo no mês seguinte, Júlio Pimentel aborda outro tema: “Considerações relativas à composição e analyse do sabão, seguidas dos resultados das analyses comparativas do sabão portuguez e estrangeiro. Lidas no Gremio Litterario, na noite de 23 de Abril”, cujo texto foi publicado integralmente (Pimentel, 1849). Com este trabalho, quis Júlio Pimentel desmistificar a ideia de que o sabão produzido em Portugal era de qualidade inferior à do sabão estrangeiro, numa altura em que se discutia na Câmara dos Deputados uma proposta de lei para abolir o monopólio do sabão¹⁵. O autor admitia ser partidário da abolição dos exclusivos, mas lastimava que, para defender uma boa causa, se usassem argumentos falsos e caluniosos. Com efeito, os resultados das análises mostravam claramente que o sabão então produzido na fábrica de Marvila (Lisboa) nada ficava a dever ao sabão espanhol, inglês ou francês.

No verão desse mesmo ano, Júlio Pimentel foi a banhos às Caldas da Rainha, para alívio dos padecimentos resultantes do ferimento que sofrera na defesa da Serra do Pilar. Aproveitou para fazer a análise das águas minerais destas termas, e redigiu uma “Memória” que enviou à Academia das Ciências, o que lhe valeu a eleição como sócio correspondente (em 19/12/1849). Continuando com o mesmo tema, analisou também as águas de Moura (1850), as águas minerais do Gerês (1851) e as de S. João do Deserto, em Aljustrel (1852). Mais tarde, publicaria um novo trabalho sobre as águas sulfuradas das Caldas da Rainha (1858)¹⁶.

O estudo dos ácidos gordos extraídos das sementes de plantas oleaginosas foi outro tema de investigação que interessou Júlio Pimentel. Em 1848, no

¹⁴ Cf. *A Epoca, Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura, e Bellas-Artes*, n.º 39, 1849, p. 188-191.

¹⁵ O monopólio do sabão só terminou em 1857.

¹⁶ Trabalhos publicados pela *Academia Real das Sciencias* e pela *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (Mota, 2012).

laboratório da Casa da Moeda, tinha já conseguido separar a palmitina a partir do óleo de palma, com consistência adequada ao fabrico de velas; registou a patente de invenção, que depois vendeu ao Conde do Farrobo, proprietário de uma fábrica de velas de estearina. Seguiu-se o estudo das sementes de amendoim (Pimentel, 1854), do brindão (proveniente da Índia) e da mafurra (de Moçambique), estes últimos trabalhos realizados em colaboração com Jules Bouis (Bouis & Pimental, 1855, 1857). Estudou também o fabrico de papel a partir das fibras de piteira (agave), trabalho que chegou a patentear, mas que depois publicou (Pimentel, 1860).

A partir de 1857, depois da epidemia de febre amarela que assolou a capital, Júlio Pimentel vai dedicar especial atenção à higiene pública. Sob esta designação, publicou uma série de artigos nos *Annaes das Sciencias e Lettras*, em que expõe as suas ideias sobre o abastecimento de água às cidades, e sobre o sistema de saneamento. Nestes *Annaes*, vai também manter a rubrica “*Revista dos trabalhos chimicos*”, em que apresenta e discute as novidades científicas que lhe vão chegando de França. No que se refere a trabalhos de investigação experimental, destacam-se dois artigos: “*Estudos sobre a viciação do ar athmospherico*” (Pimentel & Silva, 1857) e “*Nota sobre a faculdade fertilizante das dejecções animaes tornadas inodoras pelos meios chimicos*” (Pimentel, 1857).

Entre 1849 e 1864, Júlio Pimentel publicou mais de uma centena de trabalhos, uma produção espantosa, sobretudo se tivermos em consideração a natureza e diversidade das suas ocupações académicas e industriais, e o seu envolvimento na vida pública, onde foi chamado a desempenhar cargos de grande responsabilidade (veja-se a secção 4.4). Uma grande parte destes trabalhos são artigos de divulgação científica, uma missão à qual dedicou particular atenção. Em 1859, escrevia ele na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*: “*O aperfeiçoamento intellectual e material da sociedade está hoje incontestavelmente ligado com o progresso das sciencias que teem por objecto o estudo das coisas naturaes (...). O fim das sciencias é naturalmente utilitario; o seu ultimo resultado é a applicação dos descobrimentos humanos ao serviço da communidade (...). É debaixo d’este ponto de vista que me decidi a entrar, nos seguintes artigos, em amigavel conversação com o publico sobre os descobrimentos mais interessantes de uma sciencia que, no presente seculo, tem assumido, a par da mechanica, uma importancia immensa*

nos progressos da civilização”¹⁷. Seguem-se nove “*Palestras Scientificas*”, em que começa por referir a descoberta do oxigénio e a teoria da combustão de Lavoisier, para depois abordar a composição do ar, o ciclo da vida e os elementos químicos essenciais, a relação dos seres vivos com o oxigénio, os limites da atmosfera, as cores do céu, o mecanismo da respiração e a higiene respiratória, a pureza do ar e as doenças. A este respeito, refere a necessidade da ventilação para evitar o ar estagnado, e propõe a seguinte fórmula higiénica, a que acrescenta um recado para “*aquelles a quem incumbe a administração publica*”: “*Circulação contra a estagnação. Actividade e energia contra a incuria e indolencia*”¹⁸.

Também no *Archivo Universal* publica (de 1859 a 1860) uma série de artigos de divulgação sobre produtos da indústria química e afins: ácido sulfúrico, soda, cores minerais, louças e produtos cerâmicos, papel, vidros e cristais, alumínio e lápis.

Mais tarde, vai começar a focar a sua atenção sobre o desenvolvimento da sua terra natal, publicando dois artigos no *Archivo Rural*, um sobre a cultura do cânhamo (Villa Maior, 1863) e outro sobre a produção da seda (Villa Maior, 1865).

O retrato de Júlio Pimentel foi publicado na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* em 1860 (Figura 5), juntamente com uma biografia detalhada da autoria de Latino Coelho (Latino Coelho, 1860–1861).



Figura 5. Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, in *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, vol. II, n.º 10 (1860).

¹⁷ Cf. *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, Vol. 1, n.º 3, p. 126-131, 1859.

¹⁸ Cf. *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, Vol. 3, n.º 11, p. 397 (mal paginado: devia ser 597), 1861.

4.3. INDÚSTRIA QUÍMICA

Como já se referiu, Júlio Pimentel fora contratado por Eugénio de Almeida para dirigir a fábrica do sabão e para instalar em Lisboa uma moderna refinaria de açúcar. Mas, quando regressou a Portugal, em 1846, encontrou uma realidade diferente. Na fábrica do sabão, ofereceram-lhe apenas uma consultoria técnica com metade do salário acordado em Paris; aceitou, já que ficava obrigado apenas a visitar a fábrica duas vezes por semana, deixando-lhe mais tempo livre para as suas outras ocupações. Quanto à refinaria de açúcar, os empresários já não queriam avançar com o negócio, em face da situação política conturbada. No entanto, encontrou-se um empresário, J. Ferreira Pinto, que comprou os equipamentos; Júlio Pimentel fez questão de prestar assistência durante a sua instalação¹⁹. A Refinaria de açúcar a Santo Amaro (Lisboa), propriedade da firma V.^a Ferreira Pinto & Filhos, seria uma das doze empresas distinguidas com uma medalha na Exposição Industrial de 1849²⁰.

Entretanto, Júlio Pimentel apercebeu-se das dificuldades da fábrica do sabão para obter soda (carbonato de sódio) de boa qualidade a preço acessível²¹. Lembrou-se então de pedir ao Conde do Farrobo para produzir a soda na sua Fábrica da Verdelha. Esta fábrica de produtos químicos funcionava desde 1837, mas vinha produzindo apenas ácido sulfúrico e produtos derivados, pois o seu “mestre” não fora ainda capaz de obter consistentemente soda de boa qualidade. Foi Júlio Pimentel quem conseguiu pôr a Fábrica da Verdelha a produzir regularmente este composto, pelo que o Conde do Farrobo o contratou como consultor técnico. A fábrica do sabão passou então a ser o maior cliente da soda produzida na Verdelha, obtendo o produto em condições muito vantajosas²². Júlio Pimentel manteve-se como consultor da fábrica do sabão até 1851, e da Verdelha até 1857 (Pimentel, 2014).

¹⁹ Cf. “Memórias...” (Pimentel, 2014), p. 126.

²⁰ Cf. *Revista Universal Lisbonense*, n.º 30, 3/4/1851.

²¹ O contrato do sabão arrematado por Eugénio de Almeida e pelos seus associados não contemplava a isenção de direitos sobre a soda importada que, de acordo com a pauta de 1842, era de 2\$400 reais/arroba. O custo do produto importado ficava então em cerca de 3\$600 reais/arroba, o que era incomportável (no contrato anterior, a fábrica do sabão não pagava mais de 1\$400 reais).

²² A soda da Verdelha tinha uma composição idêntica à da soda inglesa (75% de carbonato de sódio e cerca de 4% de soda cáustica), e era vendida ao preço de 1\$200 reais/arroba.

Em 1852, foi introduzida uma nova pauta aduaneira, que diminuía significativamente os direitos da soda importada. Num artigo intitulado “*Reforma das pautas*”, publicado no jornal *A Revolução de Setembro*, Júlio Pimentel, declarando-se embora partidário da liberdade do comércio, insurge-se contra esta medida: “*Com a redução dos direitos consignada na nova pauta, a soda ingleza poderá custar em Lisboa pouco mais de 1\$000 rs. por arroba, e nenhuma fabrica neste paiz poderá fazer-lhe concorrência, por melhores que sejam as condições em que se haja estabelecido*”²³.

Esta afirmação teve grande impacto no meio empresarial nortenho, numa altura em que havia intenção de se construir uma fábrica de produtos químicos em Aveiro, uma iniciativa apoiada pela Associação Industrial Portuense. Daqui resultou uma polémica com Sebastião Betâmio de Almeida²⁴, que defendia ser possível fabricar, em Aveiro, soda para exportação, tendo estimado que a produção de 100 kg de soda refinada ficaria por cerca de 2\$850 reais²⁵. Júlio Pimentel contestou estes cálculos, mostrando que os custos de produção estavam subestimados. Num artigo publicado na *Revista Universal Lisbonense* (Pimentel, 1853), descreveu detalhadamente a operação da fábrica da Verdelha, incluindo os custos e consumos das matérias-primas, os salários dos diferentes operários e os custos de manutenção dos equipamentos, demonstrando que o custo de produção de 100 kg de soda refinada ficava em 6\$980 reais, ou seja, 1\$047 reais/arroba. O que hoje sabemos sobre a Verdelha, que foi a primeira fábrica de produtos químicos de base (soda e ácido sulfúrico) estabelecida em Portugal, deve-se sobretudo a este artigo de Júlio Pimentel. Quanto à fábrica em Aveiro, não chegaria a concretizar-se.

Em meados de 1857, Júlio Pimentel aceitou o convite da Companhia de Crédito Móvel²⁶ para se associar ao estabelecimento de uma fábrica de produtos químicos (ácido sulfúrico, soda e produtos derivados), que depois seria explorada pela Sociedade Geral de Produtos Químicos. Júlio Pimentel fez o plano e orçamento da empresa, foi gerente da Sociedade, e dirigiu a fábrica (localizada na Póvoa de Santa Iria) durante a primeira fase da sua laboração (1859–1862)

²³ Cf. *A Revolução de Setembro*, 27/8/1852 e 31/8/1852.

²⁴ Sebastião Betâmio de Almeida era um químico experiente, que tinha explorado uma fábrica de soda na região de Paris, e que Júlio Pimentel conhecia bem.

²⁵ Cf. *Jornal da Associação Industrial Portuense*, n.º 10 (1/1/1853) p. 151-155.

²⁶ Sociedade francesa, que se estabelecera em Lisboa para financiar empreendimentos industriais.

(Pimentel, 2014). Dificuldades de financiamento ditaram a dissolução da Sociedade e o encerramento da fábrica, que mais tarde seria adquirida por outro empresário. Apesar do insucesso desta experiência industrial, o nome de Júlio Pimentel ficará para sempre associado ao alvorecer da indústria química em Portugal: com efeito, aquando do Inquérito Industrial de 1881, a Fábrica da Póvoa, que ajudou a construir, era a única fábrica de produtos químicos de base no País, mantendo-se em laboração até 1914, altura em que passou para a posse do Estado; mais tarde, seria arrendada à Companhia Industrial Portuguesa (Cruz, 2016; Figueiredo, 2022).

4.4. PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO

Com a Regeneração, “o país entrou no verdadeiro caminho do progresso”²⁷, e Júlio Pimentel vai assumir alguns cargos públicos de relevo, passando a ter uma participação importante na esfera política e administrativa: em 1852, foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa (CML) e deputado às Cortes, e foi nomeado vogal do Conselho Geral de Comércio e Indústria (dependente do Ministério das Obras Públicas); em 1857, quando se declarou a epidemia de febre amarela em Lisboa, foi nomeado vogal do Conselho Extraordinário de Saúde Pública; no ano seguinte, foi eleito para um segundo mandato na CML, desta vez como presidente; em 1861, recebeu o título de Visconde; e no ano seguinte, passou a ter assento na Câmara dos Pares do Reino.

Foram inúmeras as comissões em que participou, assim como os pareceres e relatórios que redigiu no desempenho destas funções (Mota, 2012); mas importa sobretudo destacar a sua missão no âmbito da Exposição Universal de Paris (Mota, 2022; Pimentel, 2014).

Em março de 1855, Júlio Pimentel foi enviado para Paris como Comissário encarregue de organizar a mostra dos produtos portugueses e também como vogal da Comissão Técnica, incumbida de estudar o estado de desenvolvimento das indústrias e de reportar todas as novidades científicas e tecnológicas que fossem de interesse para o país. Em Paris, foi ainda convidado para integrar o grande Júri internacional da 10.^a classe, ao qual competia avaliar as principais

²⁷ Cf. “Memórias...” (Pimentel, 2014), p. 132.

indústrias químicas. Dessa estadia de quase oito meses, deixou um Diário manuscrito²⁸, e publicou um Relatório que constitui um autêntico tratado de química: *“Prefiro antes que este meu relatório se assimilhe a um tratado de artes químicas, do que seja apenas um catálogo motivado dos objectos expostos no grande concurso universal da indústria”* (Pimentel, 1857–1859). Esta foi uma missão de grande responsabilidade que Júlio Pimentel desempenhou de forma muito competente, sendo agraciado por D. Pedro V com o grau de Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Mais tarde, seria nomeado Comissário Régio para as Exposições de Londres (1862) e de Paris (1878), e membro do júri na Exposição de 1867, em Paris.

5. AMPELOGRAFIA E VITICULTURA. DOURO E COIMBRA: 1864–1884

Tendo cessado as suas colaborações com a indústria, que lhe proporcionavam um rendimento suplementar, Júlio Pimentel *“não podia facilmente continuar a sustentar em Lisboa a posição em que estava”*²⁹; começou então a acalentar a ideia de se fixar com a família em Moncorvo, orientando os seus interesses de investigação para o estudo da vinha e da vitivinicultura. No início de 1864, jubilou-se da Politécnica, reformou-se do Exército com a patente de tenente-coronel e obteve uma comissão do Ministério das Obras Públicas para estudar a ampelografia do país vinhateiro do Douro. A Figura 6 resume este último período da sua vida.

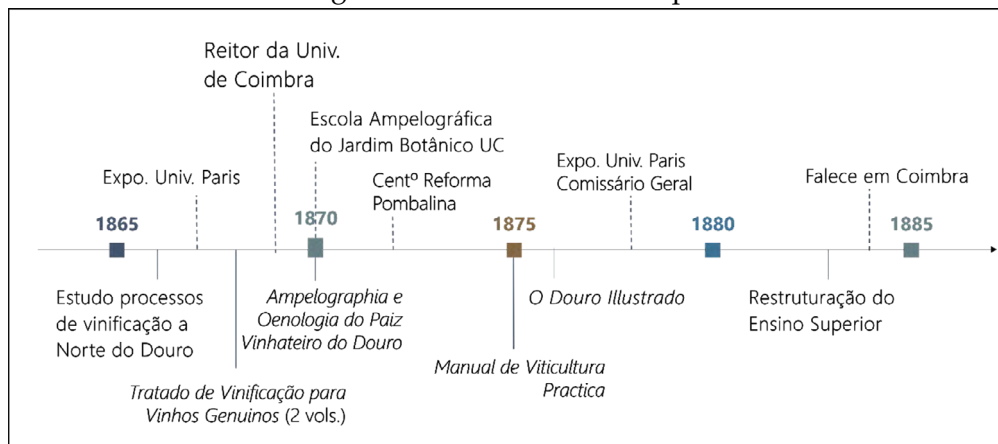


Figura 6. Linha do tempo 1864-1884: depois da jubilação – Douro e Coimbra.

²⁸ Este documento encontra-se no Arquivo de Botânica da Universidade de Coimbra (A.B.U.C. – Arquivo do 2.º Visconde de Vila Maior), Cf. G. Mota, 2022 (Mota, 2022).

²⁹ Cf. *“Memórias...”* (Pimentel, 2014), p. 158.

Uma vez em Moncorvo, Júlio Pimentel iniciou o seu estudo visitando as principais quintas do Douro desde Barca d'Alva até ao limite inferior da região demarcada, e logo no ano seguinte, publicou o primeiro fascículo dos seus "*Preliminares da ampelographia e oenologia do paiz vinhateiro do Douro*" (Villa Maior, 1865–1869), em que descreve o rio Douro e a Quinta do Silho. Em 1866, foram publicados mais dois fascículos: o segundo, em que descreve as Quintas da Caldeira, do Vesúvio, e outras da mesma região; e o terceiro, dedicado aos vinhagos do Douro Superior no Distrito de Bragança. O quarto fascículo, referente ao Alto Douro, desde o Cachão da Valeira até ao rio Pinhão, só foi publicado em 1869. Convém aqui referir que estes fascículos também foram publicados no *Archivo Rural*: os três primeiros, integralmente³⁰; do quarto, foram apenas publicados os artigos referentes às Quintas de Roriz, Roeda e Noval³¹. Esta foi uma obra pioneira, em que o autor descreve detalhadamente as vinhas, as castas, os métodos de vindima e de vinificação, os custos de produção, as produções de vinho e os preços praticados, assim como as condições meteorológicas e a análise dos solos em cada uma das quintas.

Em 1866, foi nomeado para uma nova comissão de estudo³², a fim de reportar os processos de vinificação usados nos principais centros vinhateiros do continente do reino, ficando incumbido de visitar a região a norte do Douro. O trabalho de Júlio Pimentel foi publicado em seis artigos no *Archivo Rural*³³, e incluído no Relatório global da Comissão (Villa Maior & Lapa, 1867–1868). Em 1868, publicou também o "*Tratado de vinificação para vinhos genuínos*" (Villa Maior, 1868–1869). Esta foi uma das obras mais relevantes de Júlio Pimentel nesta área; a sua segunda edição, de 1883, seria depois traduzida para inglês com o título "*The Viniculture of Claret*" (Villa Maior, 1884) tendo sido amplamente divulgada na Califórnia³⁴.

Entretanto, Júlio Pimentel foi nomeado Reitor da Universidade de Coimbra, tendo tomado posse no dia 22/09/1869. A sua obra mais emblemática, enquanto

³⁰ *Archivo Rural*, Volume 8 (1865): pp. 4-12; pp. 36-40; pp. 85-91; pp. 113-120; pp. 399-404; pp. 421-425; pp. 477-482; pp. 505-509; pp. 533-538. Volume 9 (1866): pp. 29-34; pp. 144-146; pp. 371-376; pp. 399-410; pp. 421-426; pp. 452-461.

³¹ *Archivo Rural*, Volume 11 (1868): pp. 477-482; pp. 505-510; pp. 561-565; pp. 589-593. Volume 12 (1869): pp. 5-13.

³² Comissão nomeada por portaria do Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, de 10/08/1866. Além de Júlio Pimentel, foram também nomeados João Inácio Ferreira Lapa (que ficou com o distrito de Lisboa e os distritos a sul do Tejo) e António Augusto de Aguiar (que ficou com os restantes distritos entre Douro e Tejo).

³³ *Archivo Rural*, Volume 9 (1866): pp. 467-469; pp. 477-488; pp. 524-528; pp. 544-551; pp. 565-575; pp. 599-607.

³⁴ Cf. <https://dicionario.cihuct.org/julio-maximo-de-oliveira-pimentel/>.

reitor, foi a criação da Escola Ampelográfica no Jardim Botânico da Universidade, em 1870, que seria depois desenvolvida em colaboração com Júlio Henriques³⁵ (Dias da Silva & Gonçalves, 2023; Villa Maior, 1878–1879). Nesta década publicou mais três obras (Villa Maior, 1870, 1875, 1876), incluindo o álbum “*O Douro Illustrado*” (1876), em edição trilingue (português, francês e inglês), com desenhos da autoria do seu filho Emílio Pimentel, do qual foi publicada uma edição fac-similada em 1990. Sobre a ampelografia e a viticultura, publicou também uma série de artigos no *Jornal de Horticultura Practica*³⁶. Júlio Pimentel “foi quem primeiro, em Portugal, se ocupou seriamente do estudo da ampelografia nacional” (Tavares da Silva, 1930), tendo sido inclusivamente um dos colaboradores de uma obra de referência, “*Le Vignoble*” (Mas & Pulliat, 1876–1877). Os seus trabalhos sobre este tema foram reconhecidos pela *Société des Agriculteurs de France* com a atribuição de uma medalha de ouro durante a Exposição Universal de 1878.

Como reitor, coordenou as celebrações do Centenário da Reforma Pombalina (em 1872) e a participação da Universidade na Exposição Universal de Paris (em 1878), para o que escreveu uma Memória detalhada (Villa Maior, 1877). Este foi um acontecimento que mereceu grande destaque na imprensa nacional; a revista “*O Occidente*” dedicou-lhe três edições (n.º 9, de 1/5/1878; n.º 13, de 1/7/1878; e n.º 23, de 1/12/1878), publicando nas correspondentes portadas os retratos dos Comissários portugueses (Visconde de Villa Maior, João Inácio Ferreira Lapa e António Augusto de Aguiar), a fachada do pavilhão português e o pavilhão das colónias portuguesas. Neste evento, Júlio Pimentel foi agraciado pelo governo francês com o grau de Comendador da Legião de Honra e com o grau de Oficial da Instrução Pública³⁷.

Em 1883, foi ainda incumbido de estudar a reforma do ensino superior; no âmbito dessa comissão visitou universidades em Espanha, França, Itália, Bélgica e Inglaterra, durante o verão de 1884. O relatório deste estudo foi publicado postumamente n’*O Instituto*, revista da Universidade de Coimbra³⁸.

³⁵ Júlio Augusto Henriques, professor de Botânica, dirigiu o Jardim Botânico a partir de 1873.

³⁶ *Jornal de Horticultura Practica*, Vol. I (1870), pp. 33-36, pp. 49-52 e pp. 65-68. Vol. II (1871), pp. 61-62, pp. 77-78 e pp. 149-151. Vol. III (1872), pp. 11-13. Vol. V (1874), pp. 102-104. Vol. VII (1876), pp. 132-133. Vol. XV (1884), pp. 69-74.

³⁷ Além destas condecorações, foi Cavaleiro da Ordem de Leopoldo I da Bélgica, e da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro de Itália; Grã-Cruz da Ordem de Carlos III de Espanha; e Grande Dignitário da Ordem da Rosa do Brasil.

³⁸ *O Instituto: jornal scientifico e litterario*. Coimbra. Vol. XLIV (1897): pp. 129-136; pp. 197-207; pp. 261-268; pp. 325-330; pp. 389-400; pp. 453-460; pp. 521-528; pp. 585-594.

6. EPÍLOGO

Júlio Pimentel faleceu em Coimbra, no Paço das Escolas, a 20/10/1884, e a Universidade onde foi Reitor durante 15 anos prestou-lhe sentida homenagem, dedicando-lhe as primeiras páginas do Anuário para 1884/1885, com fotografia (Figura 7) e nota biográfica de António Cândido (Ribeiro da Costa), da qual destacamos: *“No magisterio superior da Escola Polytechnica, nos trabalhos da Academia Real das Sciencias, em variadas e proveitosas commissões de serviço publico, como indefesso escriptor e sabio de primeira plana, o visconde de Villa-Maior perlustrou a mais larga e gloriosa carreira, até que veio encerrar-a no supremo governo d’esta illustre Universidade. Diserto e lucidissimo professor, creou, em Lisboa, estudos da moderna Chimica. Este só facto bastaria a perpetuar-lhe o nome numa luz inextinguível... O visconde de Villa-Maior foi incançavel no estudo e trato da sciencia que elegera. O catalogo das suas obras é um prodigio bibliographico inverosimil num paiz de indolentes, enervado pelo sol e esterilizado pela politica”* (Cândido, 1884).



Figura 7. Visconde de Vila Maior, c.1877 [cortesia de Alexandre Ramires].

Na sessão solene de inauguração do ano académico de 1885/1886, o Vice-Reitor Bernardo de Serpa Pimentel recordou a vida e obra do falecido Reitor, destacando, em particular, a sua docência na Escola Politécnica, as suas publicações sobre viticultura e vinificação, e o trabalho que tinha em curso sobre a reforma do ensino superior³⁹. O *Instituto* publicou também um apontamento biográfico

³⁹ *Anuario da Universidade de Coimbra, anno lectivo de 1885 a 1886*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1885.

da autoria de A. A. da Fonseca Pinto⁴⁰, e o *Jornal de Horticultura Pratica* dedicou o volume de 1885 à memória do “*preclarissimo oenologo e muito distincto colaborador*”, incluindo retrato e uma biografia assinada por Júlio A. Henriques (Henriques, 1885). O seu obituário foi também publicado em diversos periódicos, nomeadamente n’ *O Occidente*⁴¹ e no *Diário Illustrado*⁴².

Júlio Pimentel foi um químico notável no seu tempo, com uma vasta obra focada nas aplicações práticas da ciência à agricultura, à indústria, e ao bem-estar da população. Ao longo da sua vida, procurou sempre que o seu trabalho fosse útil ao País e aos seus concidadãos. Foi, sem dúvida, um pioneiro da química industrial em Portugal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração dos Doutores Guilhermina Mota, Sérgio Rodrigues, Marília Peres, Maria do Carmo Elvas e Alexandre Ramires, que me disponibilizaram documentação e fotografias, e de Raquel Pinto Rocha pela ajuda na formatação do texto e execução das figuras. O trabalho foi realizado no âmbito das Unidades de Investigação ALiCE e LSRE-LCM, financiadas por fundos nacionais através da FCT/MCTES (PIDDAC): LA/P/0045/2020 (ALiCE), UIDB/50020/2020 e UIDP/50020/2020 (LSRE-LCM).

CRÉDITOS

Figura 7. da autoria fotográfica: Photographia Conimbricense de José Maria dos Santos, c.1877, albumina, 11x8 cm. Prova colada no 1.º vol. da Bibliografia da Imprensa da Universidade de Coimbra, nos anos de 1872 e 1873, António Maria Seabra de Albuquerque. Edição de 1877, para a Exposição Universal de Paris de 1878. Coleção Alexandre Ramires.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO DE 4 DE JUNHO DE 2024

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 20 DE SETEMBRO DE 2024

⁴⁰ *O Instituto: jornal scientifico e litterario*, vol. 32, n.º 5, 1885, pp. 217-218.

⁴¹ *O Occidente*, vol. VII, n.º 211 (1/11/1884), com retrato na portada e notícia nas páginas 242-243, com continuação no n.º 213 (21/11/1884) pp. 262-263.

⁴² *Diário Illustrado*, n.º 4.122, de 21/10/1884.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bouis, J., & Pimentel, J. M. de O. (1855). Nouvelle production de l'acide palmitique par le suif de mafurra. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 41, Paris.
- Bouis, J., & Pimentel, J. M. de O. (1857). Composition de la stéarine végétale extraite des graines du brindonnier (*Brindonia indica*). *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 44, Paris.
- Cândido, A. (1884). Visconde de Villa-Maior. *Anuario da Universidade de Coimbra*, 1884–1885. Imprensa da Universidade.
- Castilho, A. F. (1862). *Os fastos de Publio Ovidio Nasão com tradução em verso portuguez...* Academia Real das Sciencias.
- Cruz, I. M. N. da. (2016). *Da prática de química à química prática: Desenvolvimento da prática de química no ensino português (1852–1889)* [Tese de doutoramento, Universidade de Évora].
- Dias da Silva, A. M., & Gonçalves, M. T. (2023). O Douro vinhateiro para além das margens: A Escola Ampelográfica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (1870–1882). In G. M. Pereira, M. O. P. Lage, & C. Sequeira (Coords.), *Paisagens culturais da vinha: Identidades, desafios e oportunidades* (pp. 23-46). CITCEM.
- Figueiredo, J. L. (2022). *A relevância da indústria química e o seu contributo para a sociedade*. Príncipe Editora.
- Henriques, J. A. (1885). Visconde de Vila Maior. *Jornal de Horticultura Prática*, 16, pp. 7-14.
- Latino Coelho, J. M. (1860–1861). Júlio Máximo de Oliveira Pimentel. *Revista Contemporânea de Portugal e Brazil*, 2, pp. 439-455, pp. 559-570; 3, pp. 11-17.
- Mas, A., & Pulliat, V. (1876–1877). *Le vignoble*. G. Masson.
- Mota, G. (2012). O Visconde de Vila Maior: Alguns apontamentos sobre a sua vida e ação. *Biblos*, 10, pp. 245-292.
- Mota, G. (2020). A herança do 2.º Visconde de Vila Maior. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 33, pp. 69-93.
- Mota, G. (2021). A livreria de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809–1884), 2.º Visconde de Vila Maior. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 34, pp. 91-245.
- Mota, G. (2022). *O Visconde de Vila Maior e a Exposição Universal de Paris de 1855*. Coimbra.
- Pimentel, J. (1853). Fabrico da soda em Portugal. *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª série, 5(29) 339-341; 5(30) 351-355; 5(38) 447-449.
- Pimentel, J. M. de O. (1839). *Curso de chymica elementar professado na Escola Polytechnica*. Impressão de Galhardo Irmãos.
- Pimentel, J. M. de O. (1849). Considerações relativas à composição e analyse do sabão, seguidas dos resultados das analyses comparativas do sabão portuguez e estrangeiro. Lidas no Gremio Litterario, na noite de 23 de Abril. *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª série, 1(25), pp. 289-291.
- Pimentel, J. M. de O. (1850–1852). *Lições de chymica geral e suas principaes applicações* (Vols. 1-3). J. P. Lavado.

- Pimentel, J. M. de O. (1854). *Estudo chymico das sementes do amendobi (Arachis hypogea)*. Imprensa Nacional.
- Pimentel, J. M. de O. (1857). Nota sobre a faculdade fertilizante das dejecções animaes tornadas inodoras pelos meios chimicos. *Annaes das Sciencias e Lettras*, 1(1), pp. 197-203. Academia Real das Sciencias.
- Pimentel, J. M. de O. (1857–1859). *Relatório sobre a Exposição Universal de Paris: Artes chimicas* (Partes I-II). Imprensa Nacional.
- Pimentel, J. M. de O. (1860). Descrição do processo para a fabricação do papel de agave americana. *O Instituto: Jornal Scientifico e Litterario*, 8, pp. 43-44.
- Pimentel, J. M. de O. (1884). *Memorial biographico de um militar illustre, o General Claudino Pimentel*. Imprensa Nacional.
- Pimentel, J. M. de O. (2014). *Memórias: Visconde de Vila Maior* (A. Fernandes, Transcr.). Palimage.
- Pimentel, J. M. de O., & Silva, J. A. da. (1857). Estudos sobre a viciação do ar athmospherico. *Annaes das Sciencias e Lettras*, 1(1), pp. 119-138. Academia Real das Sciencias.
- Peres, I. M., Rodrigues, S. P., & Elvas, M. do C. (2023). Júlio Máximo de Oliveira Pimentel e o início do ensino da Química na Escola Politécnica de Lisboa: Um estudo de cultura material. *História da Ciência e Ensino*, 27, pp. 231-248.
- Ramalho, M. G. (2001). *Contributo para a recuperação e integração museológica do Laboratório e Anfiteatro de Química da Escola Politécnica de Lisboa* [Dissertação de mestrado, FCSH, Universidade Nova de Lisboa].
- Rodrigues, S. P. (2011). As lições de philosophia chimica de Joaquim Augusto Simões de Carvalho na ciência do seu tempo. In *Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência* (pp. 297-304). Universidade de Coimbra.
- Tavares da Silva, D. A. (1930). Da ampelografia. *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 3, pp. 151-175.
- Villa Maior, V. de. (1863). O canamo na Villariça. *Archivo Rural*, 6, pp. 567-572.
- Villa Maior, V. de. (1865). A sericultura no districto de Bragança, principalmente no concelho de Moncorvo. *Archivo Rural*, 7, pp. 341-352.
- Villa Maior, V. de. (1865–1869). *Preliminares da ampelographia e oenologia do paiz vinhateiro do Douro* (Vols. 1-4). Imprensa Nacional.
- Villa Maior, V. de. (1868–1869). *Tratado de vinificação para vinhos genuínos* (Vols. 1-2). Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Villa Maior, V. de. (1870). *Ampelographia e oenologia do paiz vinhateiro do Douro*. Imprensa Nacional.
- Villa Maior, V. de. (1875). *Manual de viticultura prática*. Imprensa da Universidade.
- Villa Maior, V. de. (1876). *O Douro illustrado: Album do Rio Douro e paiz vinhateiro: Introdução historica e descriptiva*. Magalhães & Moniz.
- Villa Maior, V. de. (1877). *Exposição succinta da organização actual da Universidade de Coimbra precedida de uma breve notícia histórica deste estabelecimento*. Imprensa da Universidade.

- Villa Maior, V. de. (1878–1879). Notícia da Eschola Ampelographica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. *O Instituto: Jornal Scientifico e Litterario*, 26, pp. 17-28.
- Villa Maior, V. de. (1884). *The viniculture of claret: A treatise on the making, maturing, and keeping of claret wines* (J. I. Bleasdale, Trad.). Payot, Upham and Co.
- Villa Maior, V. de, Lapa, J. I. F., & Aguiar, A. A. de. (1867–1868). *Memoria sobre os processos de vinificação empregados nos principaes centros vinhateiros do continente do reino* (Vols. 1-2). Imprensa Nacional.

Saudação ao recipiendário, Académico José Luís Figueiredo

VICTOR M. M. LOBO¹

É com muito prazer que cumpro a nossa tradição de referir os elevados méritos do confrade que nos falou sobre o Académico Júlio Máximo de Oliveira Pimentel que foi Reitor da minha Universidade de Coimbra.

O confrade José Luís Figueiredo foi um distintíssimo aluno de Engenharia Química da Universidade do Porto, tendo-se licenciado em 1968 com muito elevada classificação, ficando logo como assistente desta Universidade.

Em 1970, juntou-se ao grupo de David Trimm no Departamento de Engenharia Química e Tecnologia Química do *Imperial College of Science and Technology*, Londres no R.U., onde fez investigação em formação de carbono em catalisadores para reforma a vapor. Obteve o Diploma do *Imperial College* e o Doutoramento (PhD) pela Universidade de Londres em 1975. Regressou ao Departamento de Engenharia Química da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e aí organizou um grupo de investigação em catálise heterogénia, a génese do Laboratório de Catálise e Materiais (LCM). Obteve a Agregação em 1980, ficou Professor Catedrático, jubilou-se e agora é Professor Emérito, e Membro Efetivo desta Academia das Ciências.

É membro do Conselho Redatorial das revistas científicas *CARBON* (Elsevier), *Fuel Processing Technology* (Elsevier) e *Periodica Polytechnica – Chemical Engineering* (Budapest University of Technology and Economics). Recebeu várias distinções incluindo “Excelencia Científica” (Ministerio para a Ciência e Ensino Superior) (FEUP, 2011), *Lee Hsun Research Award on Materials Science* (Institute of Metals Research, Chinese Academy of Sciences, 2014), e Prémio Ferreira da Silva (Sociedade Portuguesa de Química 2014).

A enumeração de outras honras conferidas a este Confrade, bem como dos seus livros, patentes, participações em júris académicos, lições convidadas,

¹ Academia das Ciências de Lisboa

artigos científicos, projetos de investigação, etc., seria muito longa para ser agora citada, mas enviarei aos confrades que me solicitarem após devida autorização.

Senhor Professor e caro Confrade: foi com muito prazer que o ouvimos falar do Académico Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, e é igualmente com todo o gosto que o saudamos nesta nossa Academia das Ciências de Lisboa.

Nota: Ao ler este texto Victor M.M. Lobo projetou fotografias relativas ao Prof. José Luís Figueiredo.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO DE 4 DE JUNHO DE 2024

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 8 DE NOVEMBRO DE 2024